

ANITA LEOCÁDIA BENÁRIO PRESTES: FILHA DA REVOLUÇÃO, PARTE 2

*ANITA LEOCÁDIA BENÁRIO PRESTES: DAUGHTER OF REVOLUTION,
PART 2*

Entrevista por Higo Lima¹

57



Legenda: Imagem de cortesia da Galeria
Olga Benário em Berlim, Alemanha.

¹ Mestre em Cognição, Tecnologias e Instituições pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Bacharel em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Jornalista da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-9591-2269>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/2515817629755300>.

Mesmo sob os horrores da prisão feminina do Campo de Concentração da Alemanha nazista, Olga Benário ainda conseguiu amamentar a filha Anita Prestes durante 14 meses. Enquanto isso, dona Leocádia Prestes, mãe de Luís Carlos Prestes, liderava de Moscou uma mobilização internacional visando a libertação dos presos políticos brasileiros envolvidos no Levantes de 1935 e, mais especificamente, o resgate da neta.

Sobre o episódio, Anita Prestes se classifica como “*resultado de uma luta solidária internacional*”. Nascida na Alemanha e radicada na primeira infância em Moscou, só conheceu o pai brasileiro aos nove anos de idade quando retornou ao Brasil, em 1945, com a redemocratização após o Estado Novo. Desde então, pai e filha alimentaram um estreito relacionamento e parceria de trabalho ao longo de toda vida.

A vocação para esmiuçar a história dos pais exigiu constante vigilância a fim de se manter no equilibrando entre o afeto pela condição de filha e a técnica do ofício de historiadora. Os depoimentos exclusivos conseguidos ao longo dos anos, tanto ajudou a desanuviar episódios embaraçosos da vida de um dos personagens mais obstinados dos nossos livros de História, quanto alimentou o imaginário acerca de Luís Carlos Prestes, também conhecido por “Velho”, o “comuna”, o “companheiro”, o “cavaleiro da esperança”.

O primeiro susto com a biografia do pai veio ao descobrir sua “rebeldia” às forças oficiais. Prestes se formou, serviu e fez carreira no Exército antes de arrancar reações mais enérgicas devido a adesão ao partido comunista. Essa bifurcação não é por acaso e encontra explicação no fato de que Prestes só serviu ao Exército porque encontrou na Escola Militar uma oportunidade para driblar as dificuldades financeiras vividas pela família. Em certa medida, a vida de Prestes é um fio condutor, um roteiro, para explicar a trajetória do militarismo e do movimento revolucionário no Brasil ao longo do século XX.

Sempre em tom professoral, todas essas nuances são explicadas por Anita Prestes, contextualmente, enfatizando os nomes dos personagens, os lugares, as datas e as circunstâncias geopolítica que interferem e, em alguns pontos mais radicais, até decidem o rumo interno da política e da economia.

Exemplo disso está no minucioso resgate do papel desempenhado pelas forças militares em diferentes momentos da História do Brasil. A começar no ainda Estado Imperial,

lá nos idos do século 19, quando a corporação foi imprescindível na defesa do território para garantir a soberania do Estado nacional brasileiro. Mais à frente, a articulação dos militares também fora preponderante para a ascensão da República, o que, segundo ela, fez do movimento republicano, de fato, um *“golpe militar com algum apoio popular”*.

Esse movimento avaliado por ela como sendo *“progressista”* volta a se repetir no desempenho da juventude militar, que resultou na queda da Primeira República e nos levantes antifascistas de 1935. A guinada só veio mesmo anos depois, mais precisamente com a repressão por parte dos altos oficialatos às vésperas no Golpe de 1964, quando toda ala envolvida no espectro político à esquerda, progressista ou comunista foi expulsa: *“Foi feita uma lavagem total”*, diz a historiadora.

Esta é a segunda parte da entrevista concedida por Anita Prestes durante sua passagem por Mossoró/RN, em setembro de 2018, e publicada pela Revista Informação e Cultura – RIC nesta edição e na antecessora. Na primeira parte, ela resgata a memória de sua mãe a partir dos relatos dos familiares, dos encontros com as companheiras de prisão e a sua ida aos campos de concentração na Alemanha. Detalha ainda as temporadas na Rússia para estudar, exilar-se e desempenhar atividades no partido comunista.

Agora, nesta segunda parte, a conversa destaca sua relação com o pai, Luiz Carlos Prestes, que, por circunstância da pobreza, formou-se no Colégio Militar e, pelo ímpeto da rebeldia, dedicou-se à revolução. Uma detalhada explanação ajuda a entender como o militarismo assumiu papel *“progressista”* e *“reacionário”* ao longo da História do Brasil. Por fim, mostra seu entusiasmo quanto a existência de um movimento popular revolucionário que, embora seja difícil, aponta ser o único caminho.

*“Falar presença militar é pouco porque ela
teve caráter diferentes em momentos
diferentes - tem que se entender isso”*



Legenda: Anita Prestes
Foto: Luís Santos, Folhapress (1957).

HIGO LIMA (HL) - Alguns elementos desse momento atual já apareceram em momentos anteriores, como o discurso moralista, o menos Estado, o discurso anticomunista, sobretudo em [19]64. Os dois momentos parecem se confundirem nesses aspectos e, por isso, eu pergunto: a gente ainda não superou 64 ou são momentos distintos, são demandas distintas?

ANITA LEOCÁDIA BENÁRIO PRESTES (ALBP) - Eu acho que é bastante diferente, a situação é bastante diferente. Em [19]64, o governo de João Goulart [*presidente do Brasil de 1961 a 1964*] era muito mais avançado que o governo do Lula [*presidente do Brasil de 2003 a 2010*]. Muito mais! Basta dizer que o João Goulart, embora fosse um representante da burguesia, não tinha discurso de esquerda, nem pretendia ser de esquerda, nem era revolucionário, mas

ele tomou medidas concretas que o PT não fez [*Partido dos Trabalhadores permaneceu na presidência da República de 2003 a 2016*]. Inclusive eu estava citando uma agora, que foi uma

medida fundamental: alimentação da remessa de lucro das empresas imperialistas no Brasil.

HL - Então esses argumentos, como o “anticomunismo”, eles viriam como pano de fundo, digamos assim?

ALBP - O anticomunismo sempre existiu no Brasil, isso já lá desde os anos [19]20. Desde a revolução Russa, de [19]17, que o anticomunismo existe no mundo e no Brasil. Pode consultar a imprensa da época que você vê isso. O anticomunismo já vem de lá. Quando o Prestes [*Luís Carlos Prestes, 1898-1990*] aderiu ao programa do partido comunista, em [19]30, foi uma gritaria terrível. Prestes virou assim... Ele era o cavaleiro da esperança, milhões de elogios e, de repente, passou a ser, assim, o “caçado” e o maior dos inimigos porque virou comunista.

HL - Outro aspecto que eu gostaria que a senhora comentasse...

ALBP - ...antes de terminar, quer dizer, o Jango [*como João Goulart ficou popularmente conhecido*] tomou uma séria de medidas e estava implementando as chamadas “Reformas de Base”, que era algo avançado na época. Ele começou a fazer isso, mas daí foi podado, não só pela direita brasileira, mas diretamente - hoje em dia os documentos tão aí, a gente já sabia disso, mas os documentos do Departamento de Estado confirmam – não sei se você viu o filme “O dia que durou 21 anos” [*documentário de Camilo Tavares, 2013*]. É um filme bem interessante porque está baseado em documentação liberada há poucos anos pelo Departamento de Estado Americano, que mostra o Governo americano, o John Kennedy [*presidente dos Estados Unidos de 1961 a 1963*], que tem fama de tão avançadinho, tramando diretamente o golpe contra o Jango.

HL - A senhora acredita que nesse momento, nesse contexto, tenha de forma tão direta assim, interferência estrangeira?

ALBP - [*suspiro*]... ah, tem, com certeza!

H – Em que aspecto?

ALBP - Em todos os aspectos, principalmente no econômico

H – A senhora vê que evidências?

ALBP - O chefe de departamento de Estado americano esteve aqui visitando o Brasil, quer dizer, o Governo brasileiro - esqueço o nome dele [*James Mattis, secretário de Defesa dos*

Estados Unidos vem ao Brasil em agosto de 2018]. O que eles estão colocando diretamente é o seguinte: o Brasil participar de força militar contra a Venezuela, isso tá na imprensa por aí, basta pegar na internet que você confirma isso. Também a venda a preço de banana do Pré-sal. Um dos motivos que eu acho que foi a deposição do Lula, da Dilma, no caso do PT, foi essa questão do Pré-sal. O Pré-sal é uma riqueza gigantesca e que as grandes empresas imperialistas multinacionais estão de olho. E tá sendo entregue a eles, vendido a preço de banana, os leilões do Pré-sal estão sendo feitos.

HL - A senhora acha que a gente consegue recuperar esse estrago, não só o do Pré-sal, mas outros como a reforma trabalhista...

ALBP - Vai depender da luta popular. Sem organização popular você não faz isso.

HL - Como professora de História, eu gostaria que comentasse sobre o seguinte: a presença militar na nossa História tem um protagonismo muito resistente, foi assim em [19]30, [19]64 e, agora, mesmo depois de vencido o Golpe Militar, eles conseguiram permanecer ativos, por exemplo, por meio do artigo 142 [*Constituição Federal de 1988*]. O que explica? O que da nossa história dá tanto espaço aos militares?

ALBP - Falar presença militar é pouco porque ela teve caráter diferentes em momentos diferentes - tem que se entender isso. A partir, principalmente, em meados do século 19, em que o Estado Imperial, na medida em que se formou Estado nacional brasileiro, principalmente no período de Dom Pedro II, quando ele assume, era uma preocupação, primeiro, o território muito grande, manter a unidade nacional e impedir as revoltas, as

“existiu um estado de espírito favorável à República e os militares desempenharam um papel fundamental e progressista”

rebeliões. Aquele século 19 teve rebeliões pelo Brasil todo, inclusive grande parte separatista. Aqui no Nordeste muito forte, mas em São Paulo, no Rio Grande do Sul... então *pra* isso formou-se um Exército bem

centralizado, moderno *pra* época e os parâmetros daquela época, com Duque de Caxias [*Luís Alves de Lima e Silva, 1803-1880*] à frente. O Duque desempenhou um papel fundamental de extermínio: derrotar todas essas rebeldias com muita violência; assassinando, matando essas

lideranças, inclusive. Pedro Ivo, aqui em Pernambuco, já tinha tido antes, isso ainda na época do primeiro Império, tinha tido o Padre – me fugiu o nome dele, muito conhecido. Foi na Revolução de [18]17 e 24, como é nome do padre heroico que morreu enforcado...?

[*Refere-se a José Inácio Ribeiro de Abreu e Lima, o Padre Roma (1768-1817), um dos líderes da Revolução Pernambucana, de 1817, contra os domínios da Família Real Portuguesa. Pedro Ivo Veloso da Silveira (1811-1852) é um militar e um dos líderes da Revolução Praieira, também em Pernambuco, na segunda metade da década de 1840.*]

[*continua*]... Então o Exército extremamente repressor e interventor nesse período. Depois começaram a surgir rebeldias dentro do Exército, houve todo um processo - isso ainda no período Imperial: aquelas questões militares, insatisfação com a política do Estado brasileiro. E, *pra* você ver, a República, o movimento republicano, foi um golpe militar com algum apoio popular. Eles negam muito, mas existiu algum apoio popular. Digamos assim, existiu um estado de espírito favorável à República e os militares desempenharam um papel fundamental e progressista.

HL - Era uma pauta certa, no momento certo?

ALBP - Isso! Os militares, principalmente a juventude militar da escola Militar, com o Benjamin Constant [1836-1891] à frente, desempenharam um papel progressista na passagem do Império para República. Foi uma conquista importante na época. Depois continuaram o Movimento Tenentista, um movimento de rebeldia, importante. Daí que surge o Prestes. Então, os militares, uma parte dos militares, principalmente a juventude militar desempenhou um papel de rebeldia revolucionária que foi importante para a desestruturação, a queda da Primeira República, a chamada República Velha [1889-1930]. Quer dizer, é um período em que você tem movimentos progressistas dentro do Exército. Em [19]35, nos levantes antifascistas de 35, você tinha uma quantidade enorme de militares, principalmente os mais jovens, que participaram do movimento: foram presos, demitidos, enfim, houve uma razia. A partir dali, com aquele general Gois Monteiro à frente com plenos poderes dados por Getúlio Vargas [Getúlio Dornelles Vargas, 1883-1954], realmente a composição do Exército vai mudar muito. Ele vai fazer promoções, fazer um Exército mais centralizado e mais reacionário, vai eliminar aqueles setores mais progressistas.

HL - A senhora tem tido contato ou proximidade com o setor militar hoje? O que a gente tem hoje de militarismo herda a mão pesada do militar de 64 ou a gente tem movimentos...

ALBP - Eu acho que 64 ainda está muito presente. Muito presente na doutrinação, na formação dos militares. Eu já li até artigos recentemente, enfim, de pessoas que estudam e conhecem o setor militar e, quer dizer, a formação continua sendo a Escola das Agulhas Negras, onde forma o alto comando dos militares e continua sendo um centro de profunda doutrinação anticomunista. Continua sendo... De lá que saem os “Bolsonaros” e outros desse tipo.

[Referência a Jair Messias Bolsonaro, formado pelas Agulhas Negras em 1977 e, nas eleições de 2018, eleito Presidente da República].

HL - O brasileiro comum, o cidadão comum, ele tem medo ou respeito pelo militarismo brasileiro?

ALBP – Não sei [*pensativa*]... Hoje em dia eu acho que é muito dividido, né?. Quer dizer, depois de 64, durante a Ditadura, os militares ficaram muito impopulares devido à violência que foi usada, tanto que você veja, antes de 64, os militares, os oficiais andavam fardados na rua e eram bem vistos pelo povo. Depois de 64, eles passaram a andar vestidos de civil na rua, porque tinham medo de andar, exhibir as fardas, se vestiam nos quartéis. E mesmo hoje eles não aparecem muito vestidos de militares na rua.

HL - A questão do seu pai, quando ele saiu e rompeu com [*o Exército*]...

ALBP - Bom... ele rompeu há muitos anos. Ele se demitiu do Exército em 1924, antes de começar o levante.

HL - ...isso! Obviamente que houve uma reação, talvez, muito severa de dentro do próprio setor militar. Ele superou isso? Qual era o sentimento dele com relação a essa reação?

ALBP - Ele sempre foi muito contra o Exército. Ele só foi servir o Exército por motivos econômicos, porque era uma família muito pobre. Ele tinha ficado órfão, a mãe dele com cinco filhos *pra* criar, lutava com dificuldades enormes. Então ele não tinha nenhuma condição de fazer outro curso que não fosse militar. A escola militar era gratuita *pra* ele porque ele era órfão de militar – o pai dele, meu avô, era militar também – então ele teve esse direito e por isso ele foi fazer escola militar, mas ele nunca gostou do Exército. Era um corpo estranho! A minha vó também não gostava porque já tinha experiência do marido militar, tudo o que tinha

visto dentro do Exército: corrupção muita, já naquela época; roubalheira... enfim. Então o Prestes foi militar, assim, por contingências da vida. E você vê, rapidamente, em [19]24 ele tinha só 26 anos. Ele estava no início da carreira. Ele se demitiu do Exército duas vezes *pra* poder conspirar melhor [risos]... e ficou conspirando lá e participou do levante no Rio Grande do Sul, que foi no final de [19]24.

HL - Então do ponto de vista, digamos que, emocional, ele não tinha...

ALBP - Ele nunca quis voltar *pro* Exército, nunca quis! Ele não só se demitiu duas vezes, como foi expulso depois já tendo pedido a demissão [risos]. Foi expulso, depois foi anistiado. Ele não aceitou as anistias, compreende? Nunca quis voltar *pro* Exército.

HL - O Exército era uma pauta vencida na vida dele?

"Calcula-se que chegou a 10 mil os expulsos do Exército depois de 64. Foi feita uma lavagem total"

ALBP - Totalmente! No final da vida muitos amigos insistiam que ele pedisse reintegração - houve a anistia, né? – até *pra* ter direito ao Hospital do Exército e tal. Nunca mais quis nada com o Exército. Inclusive, não achava justo, do

ponto de vista da posição política que ele ocupava - liderança política comunista -, voltar *pro* Exército. Nunca aceitou isso!

Então... o Exército, hoje, principalmente depois da lavagem que foi feita em 64, ainda tinha uma quantidade muito grande de militares oficiais, tinha comunistas, tinha socialistas, tinha gente democrata e progressistas dentro do Exército. Calcula-se que chegou a 10 mil os expulsos do Exército depois de 64. Foi feita uma lavagem total. Tem um filme que tá no Youtube, do Silvio Tendler [“*Militares da Democracia: os militares que disseram não*”, 2014], a respeito disso: dos militares que reagiram ao golpe. Foram muitos, viu? E foram expulsos...

HL – Interessante, porque essa não é uma visão que os livros tragam... É uma versão que a História não deixa clara.

ALBP - Muita coisa os livros não têm... Então, quer dizer, houve luta dentro do Exército, agora, o pessoal foi demitido. Foi todo mundo cassado, não só demitido como cassado.